

Reflexões sobre representações da branquitude na imaginação negra dialogando entre Zora Hurston, bell hooks e Toni Morrison¹

Amanda do Carmo Ribeiro – UFMG

PALAVRAS-CHAVE: Branquitude | Raça | Literatura

Resumo

O presente texto é inspirado pelas reflexões de bell hooks (2019) sobre as representações da branquitude na imaginação negra, onde a autora evidencia que a Ciência ocidental não reconhece a autonomia de pensamento das pessoas negras, tampouco muitos dos sujeitos brancos. Isso leva a uma crença de que as pessoas negras também veem a branquitude a partir das características que esta forja e imagina para si mesma, centradas na bondade e na neutralidade. Busco, portanto, nas autoras, Zora Hurston e Toni Morrison, evidências do que destaca bell hooks: pessoas negras pensam, e pensam criticamente inclusive sobre a branquitude. E que, além disso, as pessoas negras podem ter uma representação de pessoas brancas que difere das características relacionadas à bondade e à neutralidade.

Abstract

The present text is inspired by bell hooks' (2019) reflections on representations of whiteness in the Black imagination, where the author highlights that Western Science does not recognize the autonomy of thought in black individuals, nor in many white subjects. This leads to a belief that black individuals also perceive whiteness based on the characteristics it forges and imagines for itself, centered on goodness and neutrality. Therefore, I seek evidence in authors such as Zora Hurston and Toni Morrison to support what bell hooks emphasizes: black individuals think, and think critically, including about whiteness. Furthermore, black individuals may have a representation of white people that differs from the characteristics associated with goodness and neutrality.

KEY WORDS: Whiteness | Race | Literature

I

O processo de colonização e sua indissociável exploração de pessoas não-brancas, que são vistas nesse contexto, assim como atualmente com as tantas reverberações desse

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

processo histórico na atualidade, como apenas objetos, e não sujeitos, está imbricado também na Ciência e nas teorizações ocidentais, como evidencia Sueli Carneiro (2023). Como consequência, as reflexões ocidentais sobre subjetividade não abrangem o sujeito negro, visto que ele sequer é considerado capaz de pensamentos, análises e elaborações críticas a respeito de si e do mundo.

Como argumenta bell hooks (2019), as pessoas negras têm um conhecimento específico sobre as pessoas brancas, embora nem sempre registrado de forma escrita, que vem através de uma observação atenta delas. Conceição Evaristo (2005, p. 1) também destaca como as pessoas negras não só conversam sobre as pessoas brancas e sobre o racismo e a opressão, mas também utilizam essa ferramenta como forma de sobrevivência e de apoio mútuo: “Falar e ouvir entre nós era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos”. Apesar disso, as pessoas brancas comumente expressam surpresa ao se deparar com situações que mostrem a elas que as pessoas negras pensam de forma crítica sobre a branquitude, o que é fruto da fantasia originada no racismo de que “o Outro” é necessariamente “subjugado, que é sub-humano, não tem a habilidade de compreender, de entender, de ver os feitos dos poderosos” (hooks, 2019, p. 299).

Sendo ao longo da Antropologia e da Ciência como um todo o sujeito branco aquele visto como passível de agência, sendo os sujeitos que pesquisam, em detrimento do sujeito não-branco sempre sendo percebido como objeto, bell hooks argumenta que, para ser um objeto, é necessário que não se reconheça sua capacidade de reconhecer e pensar criticamente a realidade. A visão do sujeito branco sobre si mesmo é ilustrativa dessa ilusão criada pela branquitude de que não é realmente “vista” pelo sujeito negro, pois embora, como argumenta hooks, os negros estejam constantemente sendo colocados em um lugar de sujeição pela branquitude, o sujeito branco tem uma visão de si que é relacionada à bondade e à neutralidade.

As pessoas brancas são socializadas de forma a associar a branquitude a tudo que é benigno e não apresenta ameaças e, como podem não reconhecer a autonomia de pensamento dos sujeitos negros, acabam por assumir que essa também é a percepção desses sujeitos. O sujeito branco acaba por não considerar que sua existência em vidas negras pode ser permeada por terror, traumas e angústia, e também por um olhar crítico e autônomo. O que as pessoas negras experienciam sobre as pessoas brancas, como as percebem e observam, pode ser uma ruptura da ideia de bondade e perfeição sempre associada à branquitude e forjada por ela mesma para si.

Mobilizada por esta discussão promovida por bell hooks, levantada na disciplina “Branquitude e Antropologia: possíveis diálogos?” cursada no segundo semestre de 2023, fui levada a pensar a importância de estudar o sujeito branco, de forma que evidencie seus privilégios, situando-o e a seu papel e responsabilidades no racismo, bem como desmistificando os estereótipos e fantasias que a branquitude tem sobre si e sobre o outro.

Como demonstra Cida Bento (2012), o branco pouco aparece nas teorizações a respeito de questões geradas pelo racismo, “exceto como modelo universal de humanidade, alvo da inveja e do desejo dos outros grupos raciais não brancos e, portanto, encarados como não tão humanos” (Idem, p. 25). A psicóloga e ativista discorre sobre como há uma falta de reflexão a respeito do papel do branco no racismo, o que persiste em reiterar a problematização somente do negro, enquanto se é necessário também entender o impacto da colonização e das ideologias ligadas a ela na vida de sujeitos brancos. Acrescento que a falta do branco enquanto objeto de estudo nas relações raciais também propicia que o sujeito branco não saiba ou não se pergunte como é imaginado pelo sujeito negro.

Quando entrei em contato com a bibliografia da disciplina “Introdução ao pensamento da antropóloga negra Zora Hurston”, para a qual este texto será apresentado como trabalho final, já estimulada a pensar o papel do branco na manutenção da opressão de raça, não pude deixar de me ater às representações da branquitude presentes na obra da antropóloga. Como em seu texto “Como me sinto uma pessoa de cor”, quando ao ouvir um jazz ao lado de seu amigo branco, Zora é tomada pelo sentimento causado pela música atrelada à sua cultura, enquanto seu amigo é quase indiferente, episódio que é observado criticamente pela autora, que reafirma nessa e em outras obras seu orgulho em ser negra frente à discriminação (HURSTON, 2021).

No mesmo semestre em que curso essas disciplinas, li o livro “O olho mais azul” (2019), da escritora estadunidense Toni Morrison, e observei muitas correlações com as bibliografias que estava acessando. A obra apresenta interessantes representações da branquitude na imaginação de personagens negros que muitas vezes estão relacionadas a resposta à dor traumática causada por episódios de racismo cotidiano², e também apresenta esses personagens sendo críticos a respeito da branquitude. Ambas as situações rompem e vão de encontro à ideia de bondade da branquitude sobre si mesma.

² KILOMBA, 2019.

Assim como bell hooks, a intenção desse texto não é trazer uma perspectiva simplesmente dual, na qual todas as pessoas brancas e relações entre pessoas brancas e negras seriam intrinsecamente e totalmente ruins. Pois entendo, inclusive, a importância do estabelecimento de relações não-hierárquicas entre pessoas negras e brancas como um dos importantes passos do antirracismo (VIEIRA, 2022). O objetivo é problematizar a percepção da branquitude sobre si mesma, que muitas vezes apresenta uma perspectiva de mundo racista que não considera pessoas além das brancas como sujeitos do conhecimento (CARNEIRO, 2023), em busca de entender quais são as representações da branquitude imaginadas por pessoas negras nas obras selecionadas.

II

Hurston (2021) descreve o seu processo de racialização, muito marcado pelas dinâmicas sociais e de raça durante a segregação racial legal nos Estados Unidos. A autora nasceu em Eatonville, uma cidade negra, mas mudou-se para Jacksonville para a escola, o que a colocou em maior contato com pessoas brancas. Nesse sentido, Zora afirma ter se tornado “uma pequena garota de cor” (Ibidem, p. 47) a partir desse processo de alteridade: “Me sinto mais uma pessoa de cor quando sou jogada contra um afiado cenário branco” (Ibidem, p. 49).

O que mais me chamou atenção em “Como me sinto uma pessoa de cor” é como a autora parece deslocar as posições de “observador”, geralmente atribuída à branquitude, e de “observado”, papel comumente imposto às pessoas não-brancas. Apesar de essas posições terem sido marcadas e de certa forma “fixadas” na Ciência e especialmente na Antropologia, Zora apresenta representações que diferem e desafiam tais hierarquias.

Quando Eatonville era visitada por Nortenhos, Hurston descreve como as pessoas da cidade tinham tanto curiosidade a respeito dessas pessoas, quanto medo. Algumas pessoas as observavam por detrás das cortinas, e os mais ousados saíam à varanda para fazê-lo enquanto passavam. Zora, no entanto, ainda criança, demonstra não apenas observar os Nortenhos atrás da cortina, ela vai à varanda da frente para isto. Além disso, não tinha medo de ser vista observando-os, como o resto da cidade parecia ter: “Eu não apenas apreciava o show, mas não me importava que os atores soubessem que eu gostava” (Ibidem, p. 46). É, portanto, evidenciado na obra de Zora a capacidade do sujeito negro de observar o sujeito branco, e que assim como os sujeitos brancos olham os sujeitos negros com curiosidade, de forma a notar a diferença, os sujeitos não-brancos também têm esse olhar crítico e analítico sobre a branquitude.

Me pergunto se o meu leitor está se questionando algo do tipo: “mas não é óbvio que as pessoas negras pensam?” Sim, é óbvio, mas considerando que a Antropologia ao longo da sua história tratou seus “objetos” de pesquisa, notadamente pessoas não-brancas, como sujeitos não cognoscentes³, vejo importância em destacar como uma antropóloga que publicava ainda na primeira metade do século XX estava pensando nessas questões sob uma perspectiva outra, que evidenciava a agência do sujeito negro.

Considero as autoras aqui tratadas como de grande relevância para este tema, pois também por serem pessoas negras, suas obras oferecem concepções que não necessariamente estão alinhadas às concepções dominantes a respeito da branquitude; são contra-hegemônicas. Assim como Conceição Evaristo ao mobilizar o conceito de escrevivência, as autoras entendem e expressam que suas escritas são profundamente marcadas pela experiência de ser negro e da coletividade negra.

III

O romance “O olho mais azul” (2019) tem como personagem principal uma garota negra retinta, Pecola Breedlove, que tinha como seu maior sonho ter o olho azul, pois, como qualquer ser humano, queria ser amada, mas observou que as pessoas para as quais despendia-se afeição eram pessoas brancas. Pecola não sabia nomear de forma concreta que seu preterimento se originava no racismo, pois ainda era uma criança sofrendo duramente as penas do racismo. A obra tem importantes reflexões principalmente sobre como a branquitude é imposta como um ideal de beleza⁴, o que causa nos sujeitos negros uma desvalorização de si, de seus traços, da sua cor de pele e dos olhos, do cabelo, etc., operando para que a branquitude esteja relacionada ao que é bonito, amável, digno de atenção, ao passo que a negritude é vista como o contrário disso. Focarei aqui nas representações da branquitude imaginadas por personagens negros presentes na obra.

Nesse sentido, uma das cenas descritas no livro que para mim foram emblemáticas é quando Claudia, outra personagem também negra, retinta e criança, está em uma loja nas redondezas de sua casa com o objetivo de comprar um doce. A personagem que atende na loja é descrita como um homem de meia idade que tem olhos azuis e que hesita em dirigir a ela o seu olhar, sobre o que escreve Toni Morrison:

“Como é que um homem de 52 anos, com gosto de batatas e cerveja na boca, a mente adestrada na Virgem Maria de olhos meigos, a sensibilidade

³ CARNEIRO, 2023.

⁴ ALVES, 2012.

embotada por uma permanente consciência de perda, pode ver uma menina negra? Nada em sua vida nunca sequer sugeriu que a proeza fosse possível, que dirá desejável e necessária.”

(MORRISON, 2019, p. 52)

Após esse momento, “ela ergue os olhos para ele e enxerga o vácuo onde deveria haver curiosidade” (Ibidem, p. 52). Claudia é levada a se perguntar qual seria a motivação do tratamento daquele homem em relação a ela. Ela se pergunta se seria a diferença de idade e gênero a causar um distanciamento entre ela e o comerciante, ao que o narrador observador responde:

“Ainda assim, esse vácuo não é novidade para ela. Tem gume; em algum ponto da pálpebra inferior está a aversão. Ela a tem visto à espreita nos olhos de todos os brancos. Deve ser por ela a aversão, pela sua negritude. Tudo nela é fluidez e expectativa. Mas sua negritude é estática e medonha. E é a negritude que explica, que cria o vácuo afiado pela aversão em olhos brancos.”

(Ibidem, p. 52)

Ao entregar ao comerciante o pagamento pelo doce, há uma nova demonstração de seu desprezo pela criança, primeiramente hesitando em tocar sua mão para receber o dinheiro. Depois, percebendo que teria que tocá-la, algo por ele indesejado, mas necessário, o homem arranha a mão de Pecola no momento em que recebe o pagamento.

Pecola se retira da loja sentindo “a inexplicável onda de vergonha” (Ibidem, p. 53). “Eles são feios”, pensa ela. “São ervas daninhas” (Ibidem, p. 53). Sua raiva é despertada, e a narradora conclui que é melhor senti-la do que sentir a “total ausência de reconhecimento humano” (Ibidem, p. 52), porque a raiva “dá a sensação de existir. É uma realidade, uma presença” (Ibidem, p. 53). Entretanto, após algum tempo a raiva se vai, afinal Claudia é apenas uma criança. Mas a raiva dá lugar à vergonha, novamente. E Claudia chora.

Observa-se, portanto, uma representação da branquitude no imaginário da personagem que está relacionada à raiva, à vergonha e à tristeza, que são consequências da angústia e dor traumática de sentir o desprezo e a não humanidade impostos a ela não só pelo comerciante, mas por muitas das pessoas brancas com quem convive, visto que, como a própria autora destaca, a aversão pela negritude da personagem é por ela enxergada nos olhos de *todos* os brancos.

IV

Conceição Evaristo (2005), em um texto autobiográfico e ensaístico, ao narrar como sua escrita surgiu também em momentos de serviço, ao tomar nota da quantidade de cada peça de roupa limpa da patroa/senhora, mostra como também o medo pode ser um sentimento frequentemente associado por pessoas negras à relação com pessoas brancas:

“As mãos lavadeiras, antes tão firmes no esfrega-torce e no passa-dobra das roupas, ali diante do olhar conferente das patroas, naquele momento se tornavam trêmulas, com receio de terem perdido ou trocado alguma peça. Mãos que obedeciam a uma voz-conferente. Uma mulher pedia, a outra entregava.”

(EVARISTO, 2005, p. 1)

O trecho demonstra como o olhar de pessoas brancas sobre pessoas negras, principalmente em relações explicitamente hierárquicas, neste caso a relação entre patroa e funcionária, pode causar medo. O sujeito negro se vê obrigado a não errar, nesse caso, a não deixar faltar nenhuma peça de roupa, pois sabe que isso poderia significar um acirramento de tensões que poderiam culminar em uma depreciação do sujeito negro pelo sujeito branco e também patrão.

V

Assim como as trajetórias de Zora Hurston e bell hooks, *O olho mais azul* situa-se em um contexto permeado pela segregação racial estadunidense. Nesse contexto, a representação de pessoas brancas na imaginação de pessoas negras podia ser ainda mais aterrorizante, sendo vistas até como de certa forma figuras míticas, fantasmagóricas. O imaginário coletivo de pessoas negras sobre pessoas brancas era composto de violência, sendo as histórias que circulavam entre elas e entre suas gerações sobre branquitude relacionadas a agressões raciais que aconteceram e continuavam acontecendo. O trecho abaixo, que fala sobre um personagem negro chamado Cholly, pai de Pecola, e sua interlocução com o personagem Blue Jack, ilustra bem essas representações:

“Um velho simpático chamado Blue Jack, que lhe contava histórias de antigamente, de como eram as coisas na época da Proclamação de Emancipação. Como os negros gritaram, choraram e cantaram. E histórias de fantasmas, como a do branco que cortou a cabeça da mulher, enterrou o corpo no pântano, e o corpo sem cabeça saía andando à noite, tropeçando e batendo nas coisas porque não podia enxergar, e chorando o tempo todo por um pente. Falavam sobre as mulheres que Blue tinha tido, as brigas que se metera

quando era jovem, o linchamento de que ele se safara na lábria uma vez, e sobre os outros que não conseguiram se safar.”

(MORRISON, 2019, p. 135)

É evidenciado neste trecho como as pessoas negras, evidentemente as que experienciaram a segregação racial, têm misturadas às histórias sobre sua própria cultura e processos históricos importantes para suas comunidades, a imagem do sujeito branco relacionada ao terror e à violência, baseada nas inúmeras agressões, inclusive físicas, vividas por pessoas negras, e no constante risco corrido por elas apenas por existirem enquanto não-brancas.

VI

O personagem Cholly em determinado momento se recorda de um momento com Blue Jack, em que uma família estava cortando uma melancia e haviam várias pessoas negras em volta esperando para comê-la. Ele sentiu arrepios ao ver a cena de um homem cortando a melancia, cena esta que é descrita como um momento de precisão e imponência por parte do homem. O pai da família levanta a melancia acima de sua cabeça, com “braços grandes que pareciam mais altos que as árvores” (Ibidem, p. 135), a melancia tapando o sol e parecendo maior que ele, se orienta e mira em direção à melancia.

Ao sentir a emoção desse momento, Cholly se pergunta se é assim que Deus seria, com o sol nas mãos, ao que a narradora responde:

“Não. Deus era branco, velho e bonzinho, com cabelo branco comprido, barba branca esvoaçante e olhos azuis que ficavam tristes quando as pessoas morriam cruéis quando elas eram más. O diabo é que devia ter aquela aparência – segurando o mundo nas mãos, pronto a atirá-lo no chão e fazê-lo derramar as entranhas vermelhas para que negros pudessem comer o conteúdo doce e morno. Se era aquela a aparência do diabo, Cholly preferia o diabo. Nunca sentia nada pensando em Deus, mas a simples ideia do diabo o entusiasmava. E agora o diabo negro e forte tapava o sol e preparava-se para abrir o mundo ao meio.”

(Ibidem, p. 135-136)

Ao se deparar com sua própria imaginação do que seria deus, Cholly se vê em um dilema. Como aquela imagem que ele estava vendo, de um homem negro cortando uma melancia para alimentar sua família e comunidade, se assemelharia a deus, ainda que aquela vivência tenha lhe causado sensações “sobrenaturais”, se o deus cristão é branco e tem olhos azuis? Cholly sabe que este deus não foi projetado para se parecer ou representar a ele ou a sua comunidade.

Se deus é branco, portanto, de um ponto de vista dualista, o contrário disso, a negritude, é associada ao diabo. Mas o mais interessante neste trecho, na minha leitura, é como o personagem rejeita a ideia de tentar parecer-se com esse deus ou mesmo adequar-se ao que é esperado pelo cristianismo. Ele reconhece que a realidade vivida por ele é outra, que não se adequa às expectativas da branquitude e não é abarcada pela imagem de um deus branco. Se o “diabo” é imposto à negritude, Cholly esclarece que prefere sê-lo. Cholly não quer ser branco.

VII

Por fim, gostaria de destacar outro momento em que Zora Hurston (2021) desafia os papéis impostos às pessoas negras, inclusive na relação com pessoas brancas. Isso se dá ao Zora contar sua experiência estando em um bar com uma pessoa branca. De repente, começa a tocar jazz, ao que a escritora reage de forma entusiasmada, ao sentir o efeito daquela música em si mesma:

“Danço descontroladamente dentro de mim mesma; bramo por dentro; grito; mexo minha azagaia sobre minha cabeça, arremesso a para a marcar yeeeeooww! Eu estou na floresta e vivendo na maneira da minha floresta. Minha face está pintada de vermelho e amarelo e meu corpo pintado de azul. Meu pulso está latejando como um tambor de guerra.”
(*Ibidem*, p. 49)

Zora sente o jazz como algo além de simplesmente uma boa música. Ela a conecta a sua ancestralidade, o que a faz sentir sua cultura e pertencimento. Ao fim da música, ela se volta ao seu amigo, quando ele comenta que achou a música boa, batendo com a ponta dos dedos no ritmo dela. Hurston percebe que seu amigo não foi tocado da mesma maneira que ela pela música, ao que atribui a um motivo: à sua branquitude. “Ele está longe e vejo- apenas vagamente através do oceano e do continente que caíram entre nós. Ele é tão pálido com sua brancura quanto eu sou tão de cor” (*Ibidem*, p. 50).

Como argumenta Edith Piza (2007), a noção de racialidade costuma não ser desenvolvida entre as pessoas brancas, pois ao se depararem com uma realidade que beneficia suas próprias características, acabam por não enxergar a necessidade de discutir as relações raciais, já que elas não as afetam negativamente. Cida Bento (2002) demonstra como mesmo em ambientes de luta contra a opressão de classe, como no movimento sindical, o debate sobre o racismo e discriminação racial só é levado em consideração se estiver focalizado sobre o negro, ao passo que é tido como alienado se abordar o papel do branco neste cenário. Como também argumenta Lourenço Cardoso (2011), a

consideração do branco enquanto único grupo sinônimo de ser humano é uma característica marcante da branquitude, que “procura se resguardar numa pretensa ideia de invisibilidade” (CARDOSO, 2011, p. 82). Todos esses elementos causam uma sensação de distanciamento entre ser branco e ser racializado.

A ideia de invisibilidade e neutralidade associada à branquitude se expressa mesmo nas teorizações clássicas sobre relações raciais, a exemplo de Gilberto Freyre (1962), que apesar de ser o primeiro intelectual brasileiro a utilizar o termo branquitude, critica a utilização desse termo, tanto quanto o de negritude, por considerá-los contra a “prática da democracia racial através da mestiçagem”. Entretanto, como salienta Bento (2002), torna-se necessário analisar a racialidade da experiência de ser branco, visto que os sistemas originados na colonialidade “moldam tanto os privilegiados quanto os que são por eles oprimidos” (Ibidem, p. 48).

Apesar de as pessoas brancas não se reconhecerem muitas vezes enquanto pessoas racializadas e estarem relacionadas a uma ideia de “neutralidade racial”, acho importante mencionar como a antropóloga Zora Hurston escreve, ainda a primeira metade do século XX e muito antes da emergência dos estudos da branquitude (que se deu em meados dos anos 1990), uma constatação importante: não só as pessoas negras têm raça, mas as pessoas brancas também. Portanto, o mito da neutralidade forjado pela branquitude para si mesma é desafiado.

VII - Pequena nota aos meus leitores

Durante a escrita deste ensaio, tive um incômodo em sentir que minha escrita está de certa forma “impessoal”. Apesar de aqui estarem expostas minhas reflexões individuais a partir da bibliografia e de saber que todos os trabalhos dizem sobre o autor ainda que este não diga sobre si explicitamente, senti que embora quisesse me inspirar na escrita de Zora, na forma com que ela se coloca no texto, evidenciando seu processo etnográfico, de escrita e de relação com seus interlocutores, não falei muito sobre onde me situo nessa discussão. Acredito que essa “impessoalidade” se deve a dois motivos: um deles, a falta de costume em escrever textos que falem sobre mim mesma como dados etnográficos; o outro, a dificuldade de me identificar racialmente ao longo da vida e ainda atualmente. Tenho gradativamente me aproximado da identificação como uma pessoa negra de pele clara, reconhecimento que é fruto de processos muito recentes, que se deram principalmente no último ano, em que cursei disciplinas sobre raça e, ao mesmo tempo, tenho aberto mão de tentativas de embranquecimento do meu próprio fenótipo. Essa

junção de fatores tem feito com que eu ainda tenha medo e sinta dificuldade de enunciar ou escrever sobre minha própria raça. Por hora, portanto, ainda com o desejo de falar mais sobre eu mesma no que escrever no futuro, opto por seguir o conselho dado por Rafaela em uma das aulas da disciplina, sobre o que falamos quando escrevemos nossa pesquisa ser também aquilo que “damos conta” de falar, ao passo que outras coisas ainda não conseguimos, e o melhor a fazer, acredito, é aceitar essas limitações.

Referências bibliográficas

ALVES, Erica. FERREIRA, Janiane & SANTOS, Célia. **Identidade e subjetividade no ensaio How it Feels to be colored me, de Zora Neale Hurston.** Revista Humanidades e Inovação. v. 6 n. 5 (2019): Literatura Moderna e Contemporânea: Paisagens Culturais de Classe, Gênero, Etnia e Pós-Coloniais II, 2019. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1016>>.

ALVES, Luciana. **O valor da brancura.** Cadernos Cenpec. São Paulo, v.2, n.2, p.29-46, dez. 2012.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil.** In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Racialidade e produção de conhecimento.** In: Racismo no Brasil. São Paulo: Peirópolis; ABONG, p.45-50, 2002.

CARDOSO, Lourenço. **O branco-objeto: O movimento negro situando a branquitude.** Instrumento - Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, v. 13, n. 1, p. 81-93, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade.** Zahar, 2023.

EVARISTO, Conceição. **DA GRAFIA-DESENHO DE MINHA MÃE, UM DOS LUGARES DE NASCIMENTO DE MINHA ESCRITA.** Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005. Publicado no livro

Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Marcos Antônio Alexandre (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p 16-21. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>>.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933

hooks, bell. **Olhares negros: Raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HURSTON, Zora. **Como eu me sinto uma pessoa de cor**. Ayé: Revista de Antropologia, 2021. Disponível em: <<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/658>>.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2019.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. Tradução Manoel Paulo Ferreira. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PIZA, Edith. **Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu**. In: HUNTLEY, Lynn e GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo (org.). Tirando a máscara. Ensaio sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 97-125.

PIZA, Edith. **Porta de vidro: entrada para a branquitude**. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 59-90.

VIEIRA, Bárbara. D. M. **Letramento racial**. Revista Espaço Acadêmico, v. 21, p. 53-64, 1 abr. 2022.